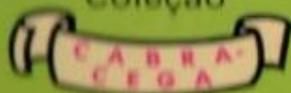


WILLIAM TUCCI



A REBELIÃO da pontuação

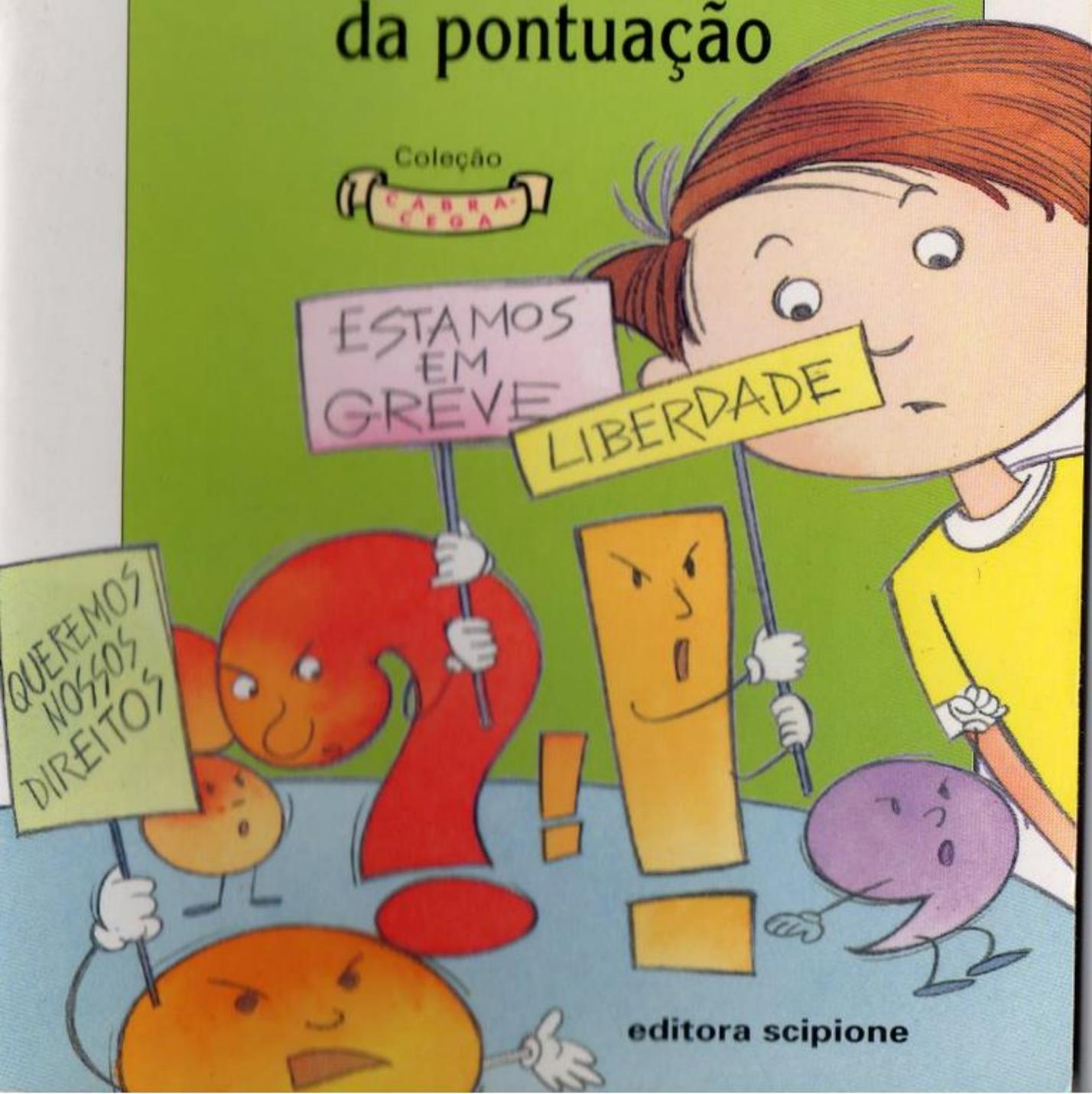
Coleção



ESTAMOS
EM
GREVE

LIBERDADE

QUEREMOS
NOSSOS
DIREITOS



editora scipione

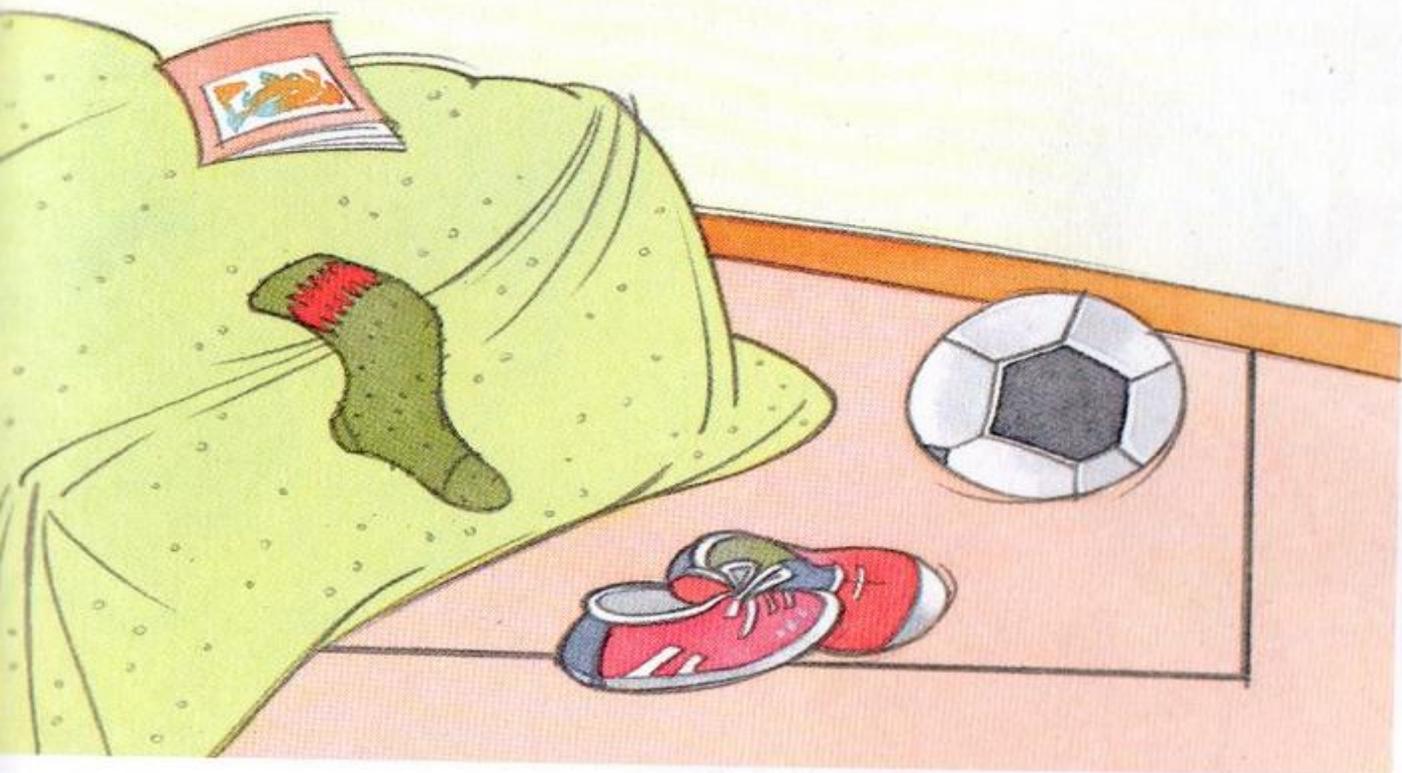
A rebelião da pontuação





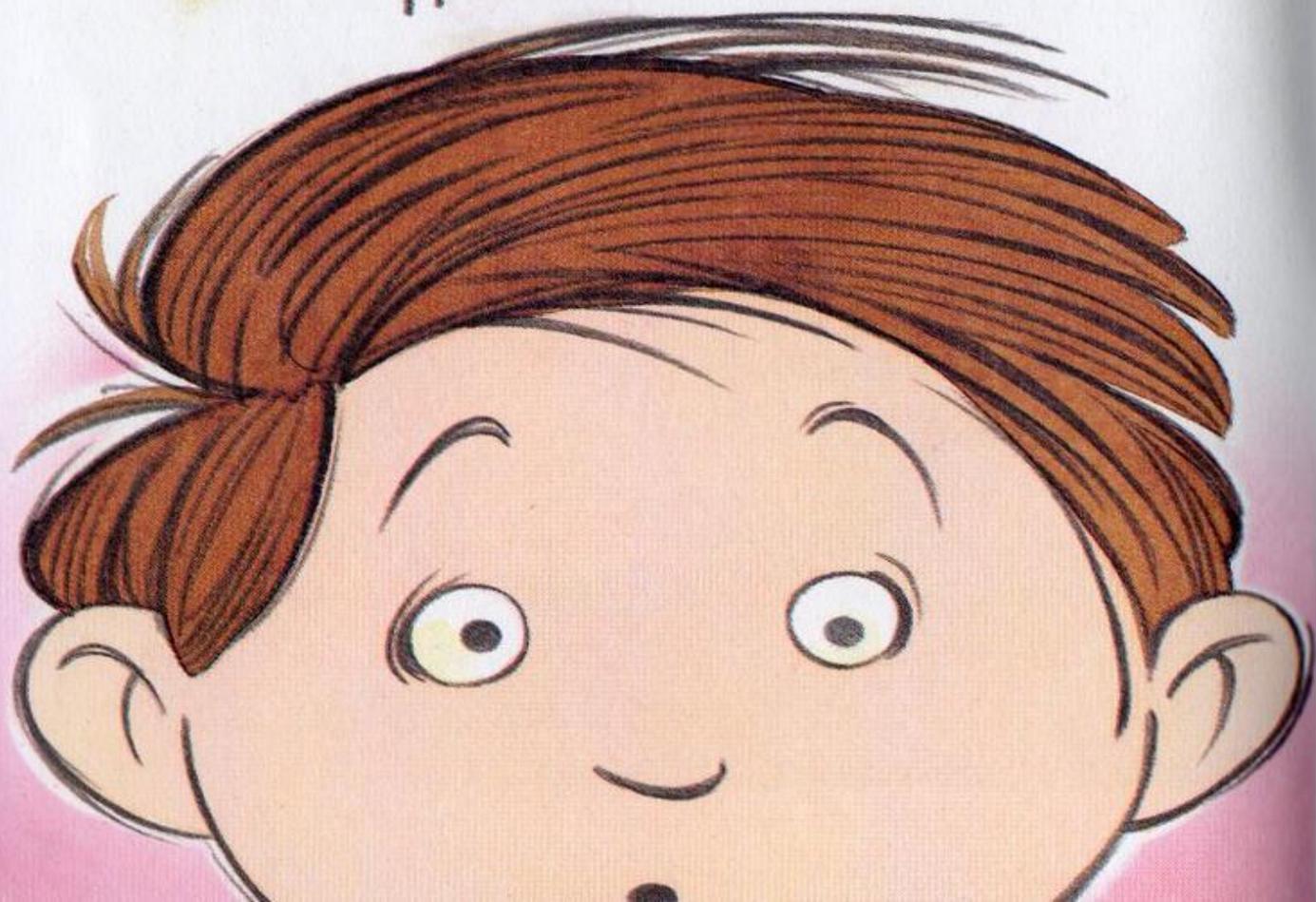
Já era quase uma hora da madrugada e Bruno não conseguia dormir. A luz do quarto ainda estava acesa, desobedecendo à ordem da mãe, que por duas vezes já tinha dito ao menino que a apagasse. Nas mãos ele tinha um livro de histórias infantis que já lera pelo menos umas dez vezes. Agora já estava na metade da décima primeira e o sono não vinha.

— Que coisa mais chata, não consigo dormir!
E continuou lendo, esperando o sono chegar.



De repente ouviu uma voz que a princípio pensou ser da mãe discutindo com o pai, ou qualquer coisa assim.

CHEGA!
ESTOU CANSADO!
NÃO AGÜENTO MAIS
SER PONTO DE
INTERROGAÇÃO!





Bruno percebeu imediatamente que não se tratava nem da sua mãe e muito menos do seu pai. A voz era muito diferente, e parecia vir dali mesmo, do quarto. O menino ficou apavorado, achando que podia ser ladrão, fantasma ou habitantes de outros planetas. Enfim, com o coração disparado e um fiozinho de voz, ainda conseguiu perguntar:

— Que... quem disse isso? Que... quem está aí?

Bruno esperou algum tempo, mas não obteve resposta.

— Nossa, acho que cochilei e sonhei que tinha alguém falando no quarto. Mas parecia tão real, uma voz dizendo que estava cheia de não sei o quê. Ah, acho que foi sonho mesmo. Aqui só estou eu. Melhor apagar a luz e dormir.

Mal Bruno encostou a cabeça no travesseiro e novamente ouviu a voz que vinha do nada:

— Por quê??? Por quê??? Por que eu tenho de ser eternamente um porquê? Por quê???

Bruno saltou da cama e acendeu a luz.

— Quem está falando aí?

— Sou eu, seu cabeça-de-mandioca.

— Eu quem?

— Aqui no livro.

— Livro??? Que livro???

— Ai, quantas interrogações... Ô, cabeça-de-pudim, estou aqui no livro.

Ainda assustado e sem saber exatamente para onde olhar, Bruno arriscou:

— Ah, já sei, você é... é um personagem do livro que veio brincar comigo?



— Que personagem o quê, meu. Eu sou o ponto de interrogação.

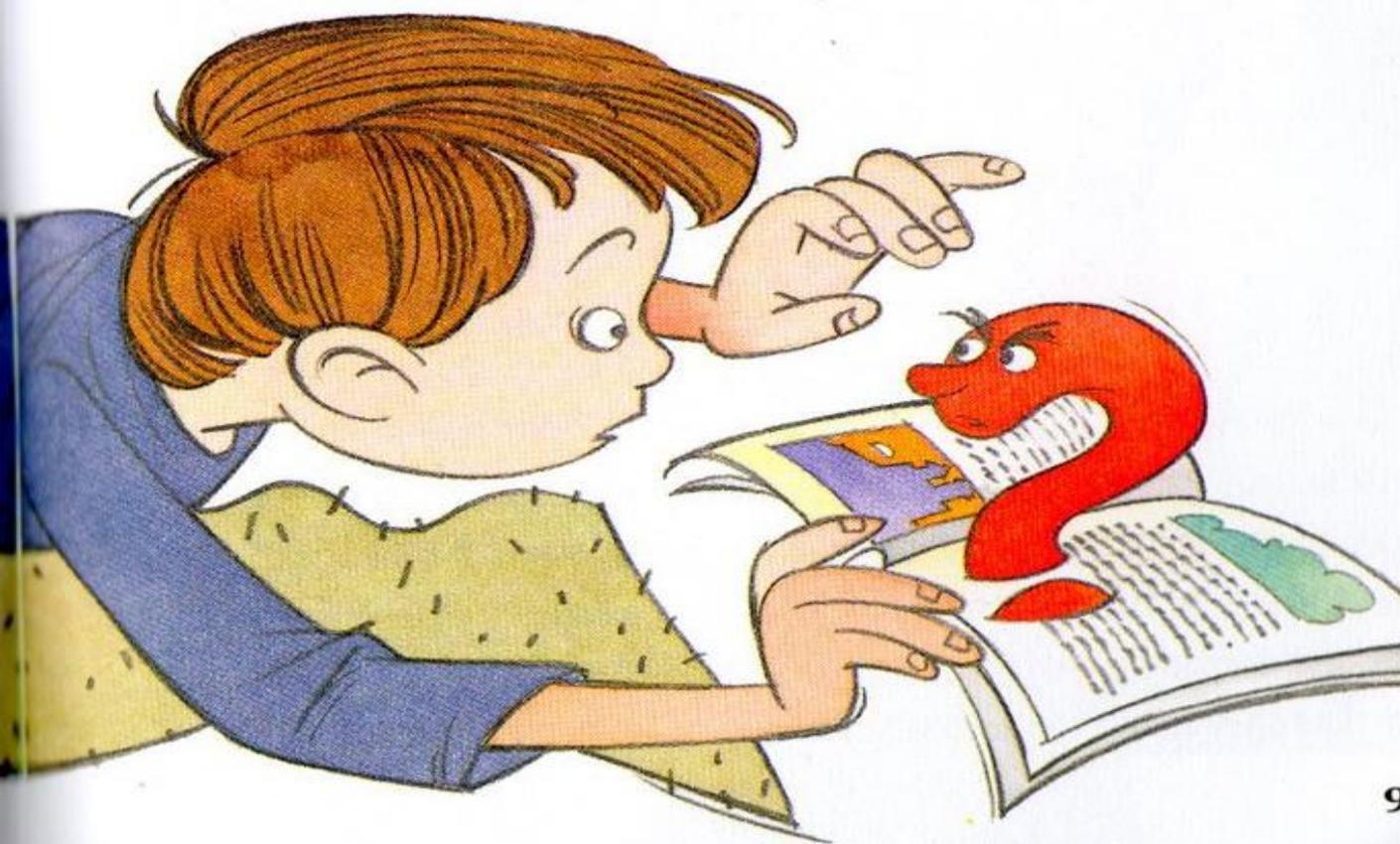
— Ponto de interrogação???

— Isso mesmo. Da mesma família desses que você acabou de usar na sua pergunta.

— Não acredito.

— Pois se não acredita, dê uma olhada no livro que você estava lendo.

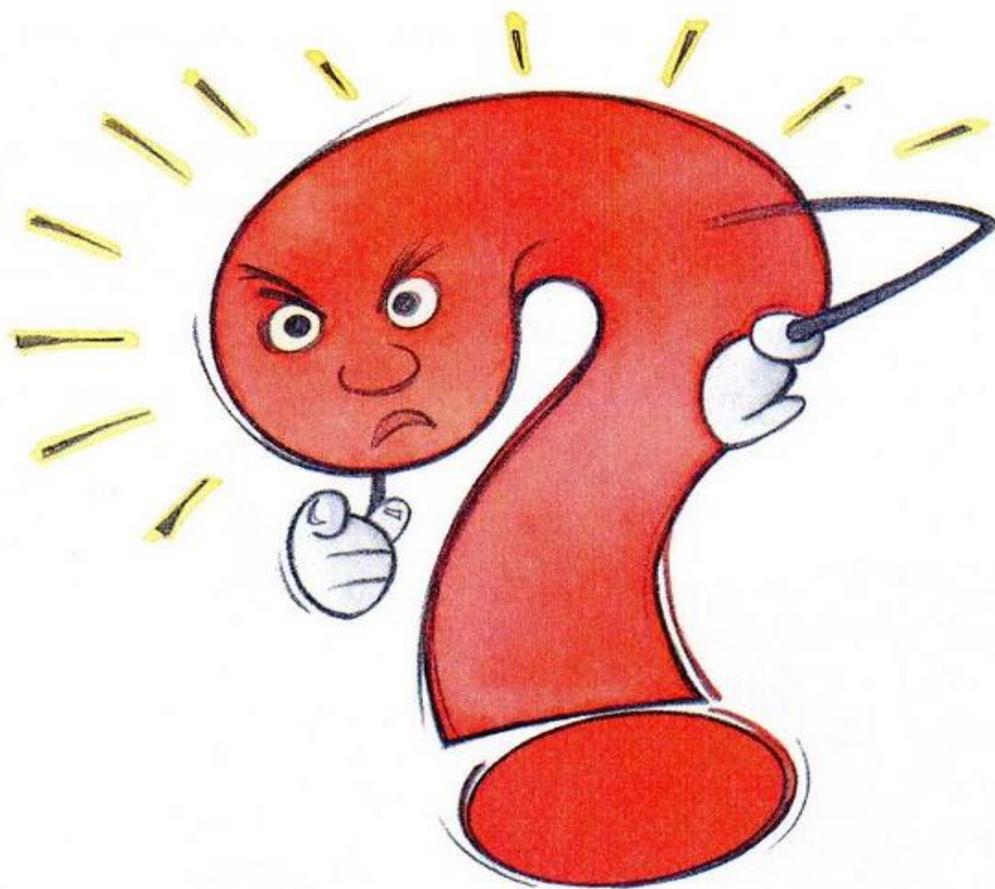
O menino foi até o livro, que estava nos pés da cama, olhou intrigado e viu que bem ali, no meio da página, estava nada mais nada menos que um ponto de interrogação, com ar de ranzinza e fora da frase do texto, justamente fora da frase em que o príncipe pede a princesa em casamento.



— E agora, como vai ficar a pergunta do príncipe?

— Sei lá. O príncipe que se dane, tô pouco me lixando. Eu só sei que estou cansado de ser ponto de interrogação. Pra mim basta. Chega!

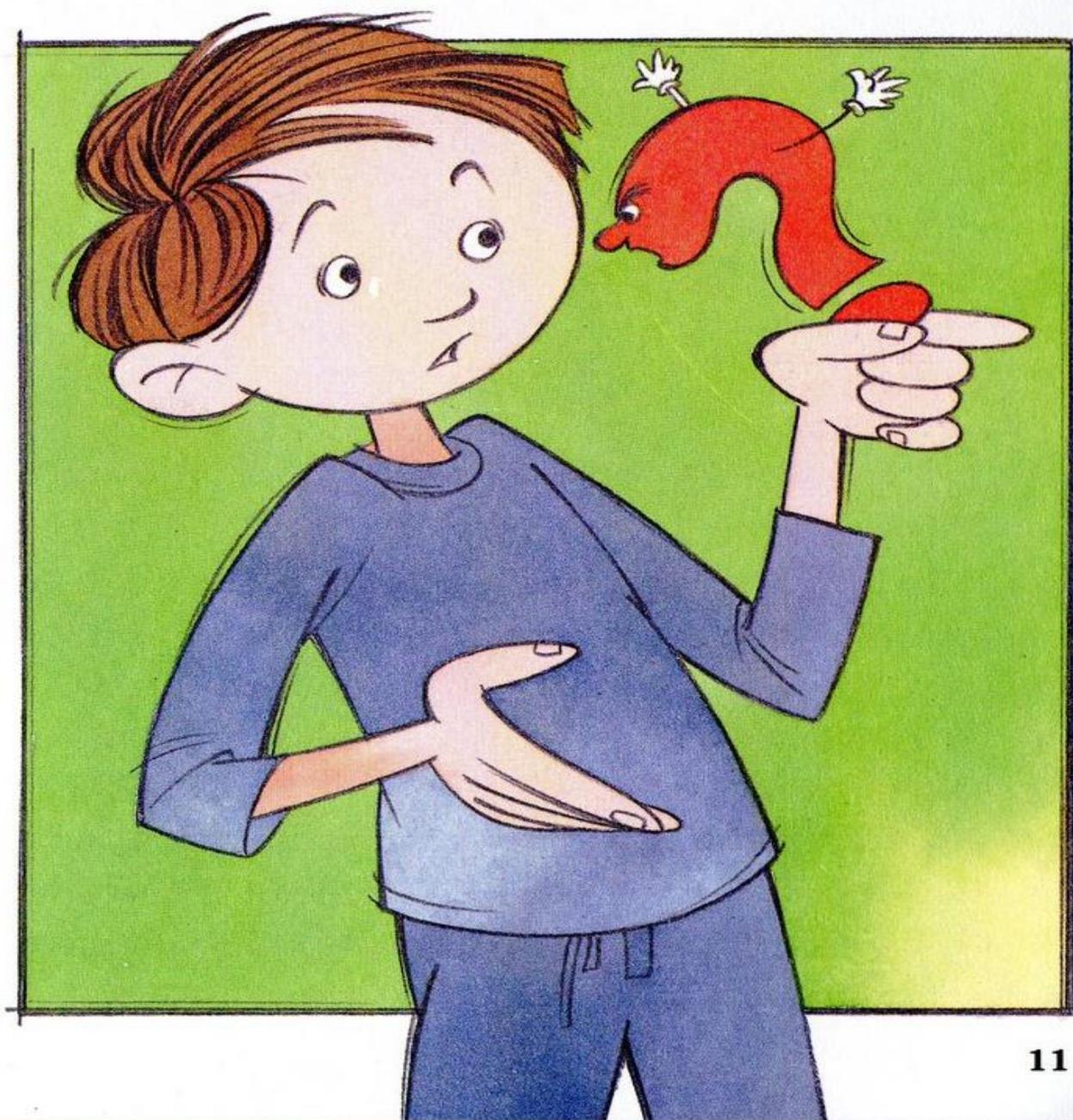
— Mas por quê?



— Principalmente por causa de crianças como você, que só sabem perguntar. É horrível, todas as frases em que entro são perguntas, perguntas e mais perguntas. Eu já não agüento mais perguntar. Meu sonho é participar de uma frase sem ter de necessariamente perguntar. Eu queria... queria exclamar! Isso mesmo: exclamar!

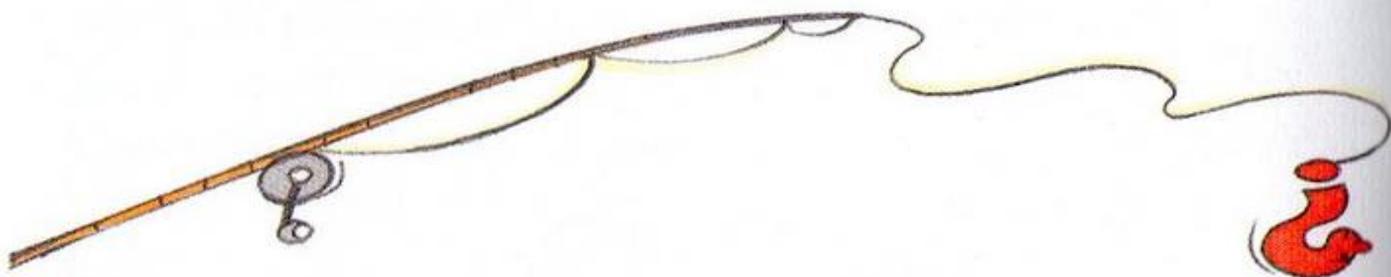
— Mas você é um ponto de interrogação, e não pode entrar numa frase que não seja uma pergunta. Além do mais, é perguntando, usando você, que a gente aprende. Você é muito importante na pontuação.

— Você acha que não sei disso, seu cabeça-de-chouriço? Só que estou cansado, preciso de umas férias. Aliás, acho que vou aproveitar o meu formato e sair para uma pescaria.



— Como assim?

— Ora, você não percebeu que, se eu ficar de ponta-cabeça, viro um anzol de pescador? Pois então, chega de interrogações.



Quando Bruno ia retrucar, ouviu outra voz que vinha do livro:

— Estou totalmente de acordo com você, ponto de interrogação.

— E agora, quem falou aí?

— Fui eu.

— Eu quem?

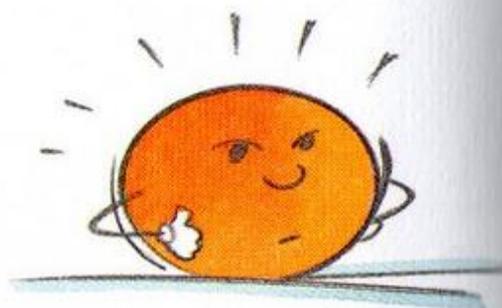
— O ponto final.

— Ponto final???

— Isso mesmo. Eu também estou cheio de ser um ponto final. Tudo, mas absolutamente tudo, termina em mim. Não agüento o peso de tanta responsabilidade. Tenho de ser sempre exato, definitivo, absoluto. É ponto final, e pronto!

— Mas você é muito importante. Imagine, uma frase sem ponto final é uma frase sem final, inacabada.

— Não quero nem saber. Eu também quero umas férias.





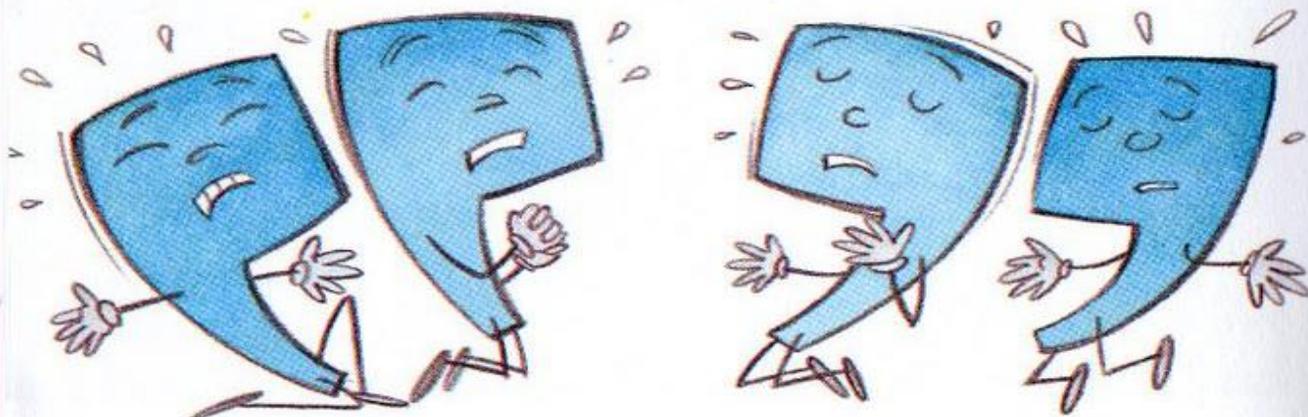
O ponto final foi interrompido por uma vírgula, que também saltou do livro e começou a reclamar:

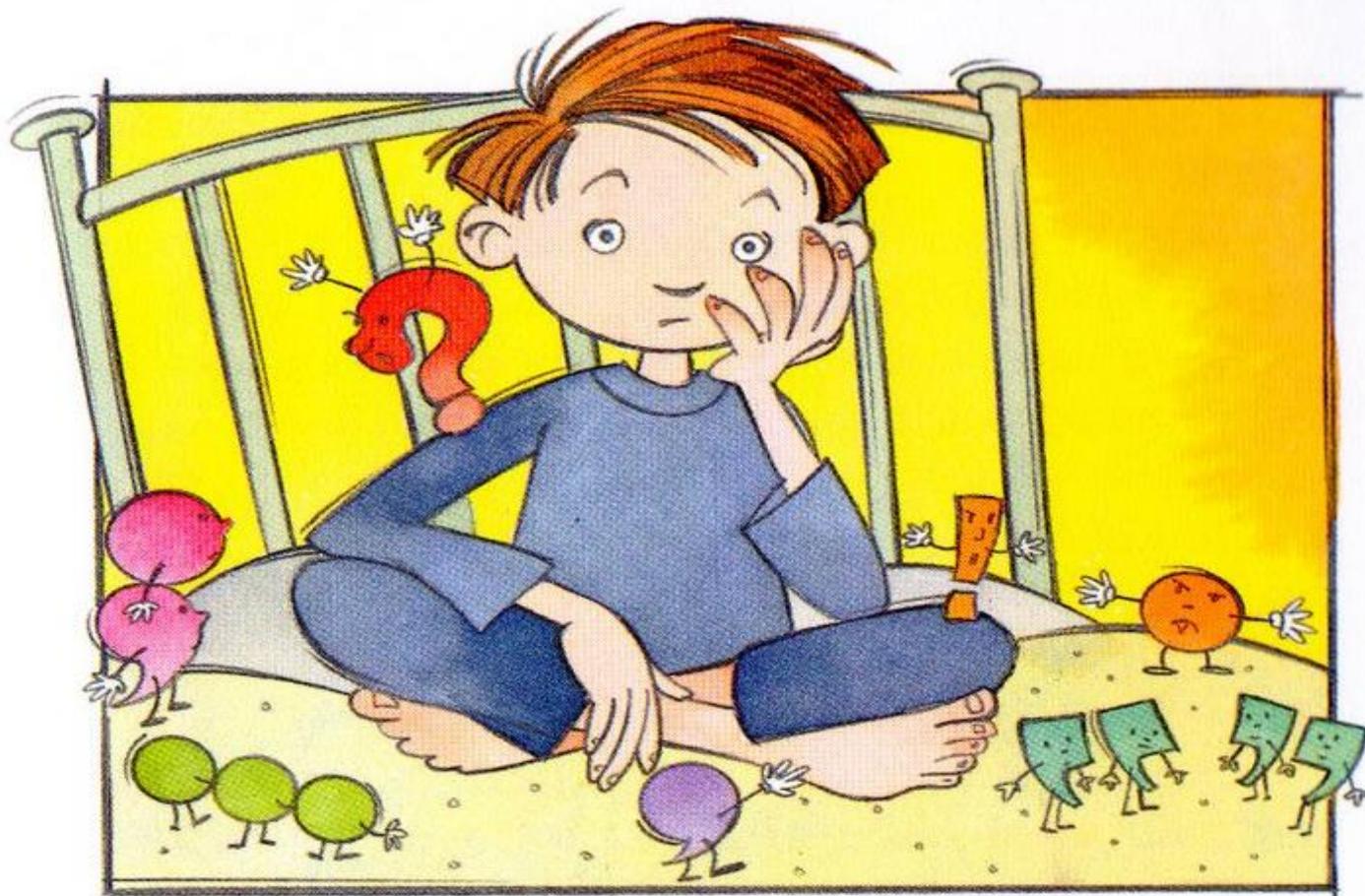
— E eu então? Triste mesmo é ser uma vírgula. Já não agüento mais estar no meio das frases. É horrível, nunca fico sabendo o final de nada. Sou usada apenas como uma pausa durante a leitura. Estou cheia, cansada, fatigada. Exijo férias já!



A vírgula ia continuar seu discurso, quando as aspas tomaram a palavra, também para reclamar:

— E nós? Também não agüentamos mais ser aspas, não agüentamos mais ficar penduradas em cima de uma frase ou palavra. E o pior é que nós ficamos separadas, uma no começo e a outra no fim da palavra ou frase. É horrível ter sempre algo entre aspas, entre





nós que somos irmãs gêmeas e obrigadas a viver uma longe da outra. Dependendo da frase, são páginas e páginas de separação. Isso tem de mudar.

E a rebelião prosseguiu: sinal por sinal, todos foram reclamando. As reticências reclamaram que não estavam dando conta do serviço. O travessão reclamou de um problema de coluna por sempre trabalhar na horizontal; queria trabalhar um pouco na vertical. Enfim, todos reclamaram, mas o mais furioso era o ponto-e-vírgula.

— Eu não agüento mais ter dupla personalidade. Não sei se sou ponto, não sei se sou vírgula. Vivo perdido e dividido. Preciso de umas férias para consultar um psicólogo e finalmente me encontrar. Não importa

que seja como ponto ou como vírgula, eu só quero me encontrar.

Quando o burburinho era geral, o ponto de interrogação pediu a palavra:

— Amigos, amigos, silêncio. Pelo que vejo, todos estão insatisfeitos, por isso, proponho uma greve. Uma greve geral de todos os sinais de pontuação!

Todos concordaram, entre aplausos e gritos de apoio.

— É isso aí. Bravo! Greve já!

— E para tanto, temos de...

Quando o ponto de interrogação ia começar o que parecia um discurso, a mãe do menino invadiu o quarto. Imediatamente, todos os sinais rebelados saltaram para dentro do livro e ficaram no mais absoluto silêncio.

— Muito bonito! Posso saber por que o senhor ainda está acordado?

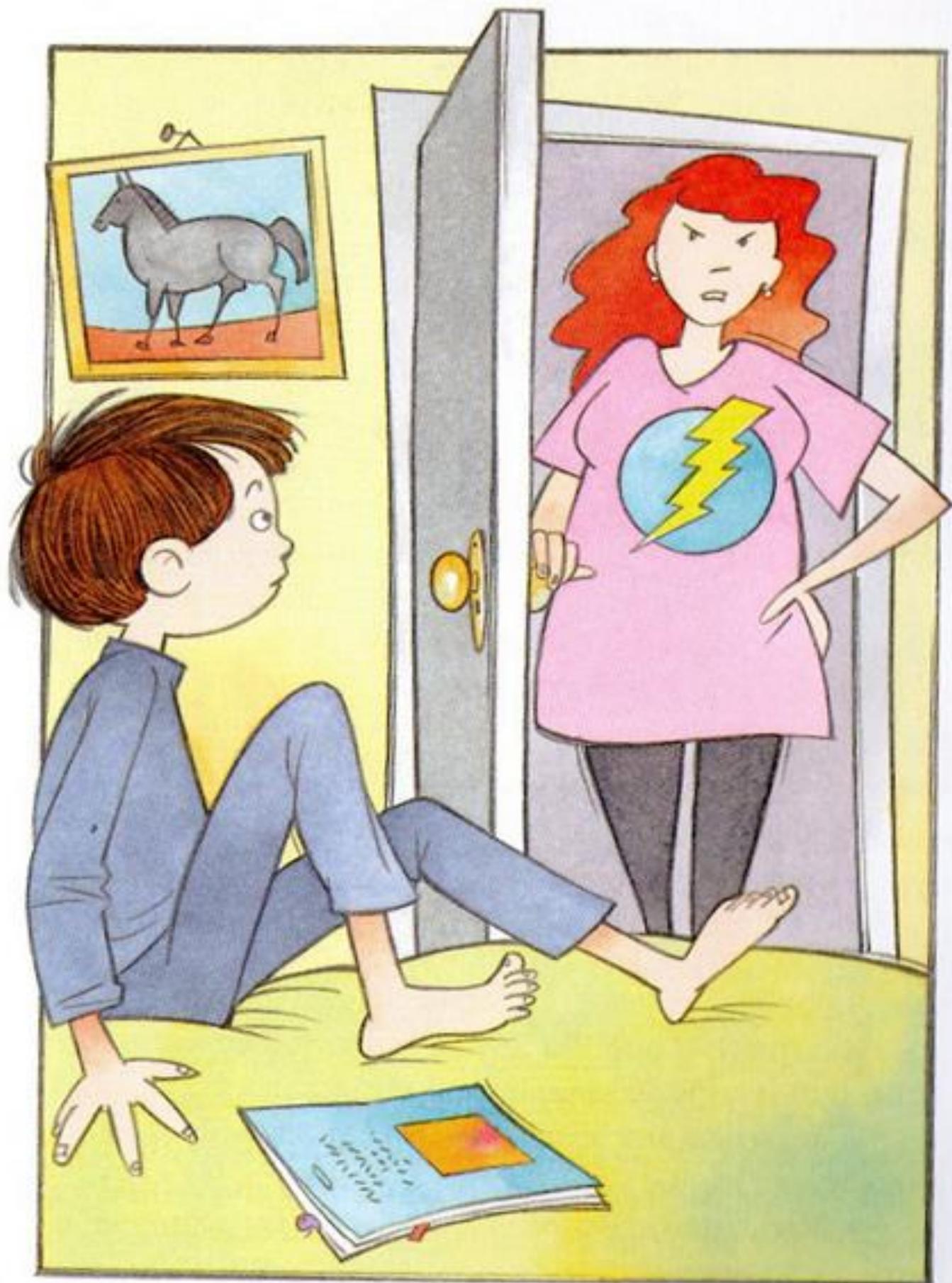
— Ah, mãe, estou sem sono — disfarçou Bruno.

— Pois apague a luz e fique quieto que o sono vem.

— Tá bem, mãe... Boa noite.

— Boa noite, filho.

A mãe deu um beijo no garoto e saiu. Quase no mesmo instante, Bruno se levantou novamente, acendeu a luz, que a mãe havia apagado ao sair, e pegou o livro. Antes que a zoeira recomeçasse, precipitou-se em falar:



— Acho que está na hora de parar com a bagunça. Tenho de dormir, senão vou acabar levando outra bronca da minha mãe.

O ponto de interrogação, de novo fora da frase do livro, resolveu concordar:

— Tá legal, cabeça-de-mingau, então vamos deixar nossa reunião para amanhã, nesse mesmo local, logo depois do jantar do Bruno. Só mais um aviso para todos os sinais descontentes presentes neste quarto, em livros, cadernos, folhetos, jornais, etc. Atenção! A partir de agora, estamos em greve. Os sinais que apoiarem a greve devem reunir-se no nosso quartel-general, que será este livro aqui. E, em sinal de protesto, já vou terminar esta frase sem pontuação certo vocês concordam

E todos os sinais responderam com entusiasmo e sem pontuação:

≡ CERTO ≡

E os sinais voltaram para suas frases. Bruno adormeceu logo em seguida, mas sonhou a noite toda com interrogações, vírgulas, reticências, etc.

Pela manhã, quando a mãe o acordou, a primeira coisa que fez foi pegar o livro e abri-lo.

— Você não se cansa desse livro, menino? — falou irritada a mãe.

— Não, mãe, não me canso, não. Eu adoro este livro.



A mulher saiu do quarto. O menino começou a folhear o livro ansiosamente e foi até a página em que o príncipe pede a princesa em casamento. Lá estava o ponto de interrogação, normal como qualquer outro, mas, se Bruno tivesse olhado mais cuidadosamente, teria percebido que eles estavam em número muito maior que na noite anterior. Na verdade havia no livro um grande aglomerado de sinais perdidos nas páginas. Havia vírgula misturada com ponto final, travessão no fim de frases e interrogações no meio de frases, uma loucura!

O texto havia perdido completamente o sentido com aquela superpopulação de pontuação, mas o menino nem percebeu, pois estava atrasado para a escola. Colocou o livro dentro da mochila, tomou o café correndo e partiu.

Na aula, Bruno foi o primeiro a ser chamado para entregar a redação que a professora havia passado como lição de casa.

Ela começou a ler, mas não por muito tempo; logo correu os olhos pela folha toda, como quem procura alguma coisa. Olhou para o menino, de novo para a redação, e mais uma vez para o menino.

— Escute, Bruno, você não costuma pontuar suas redações?

— Como assim, professora?

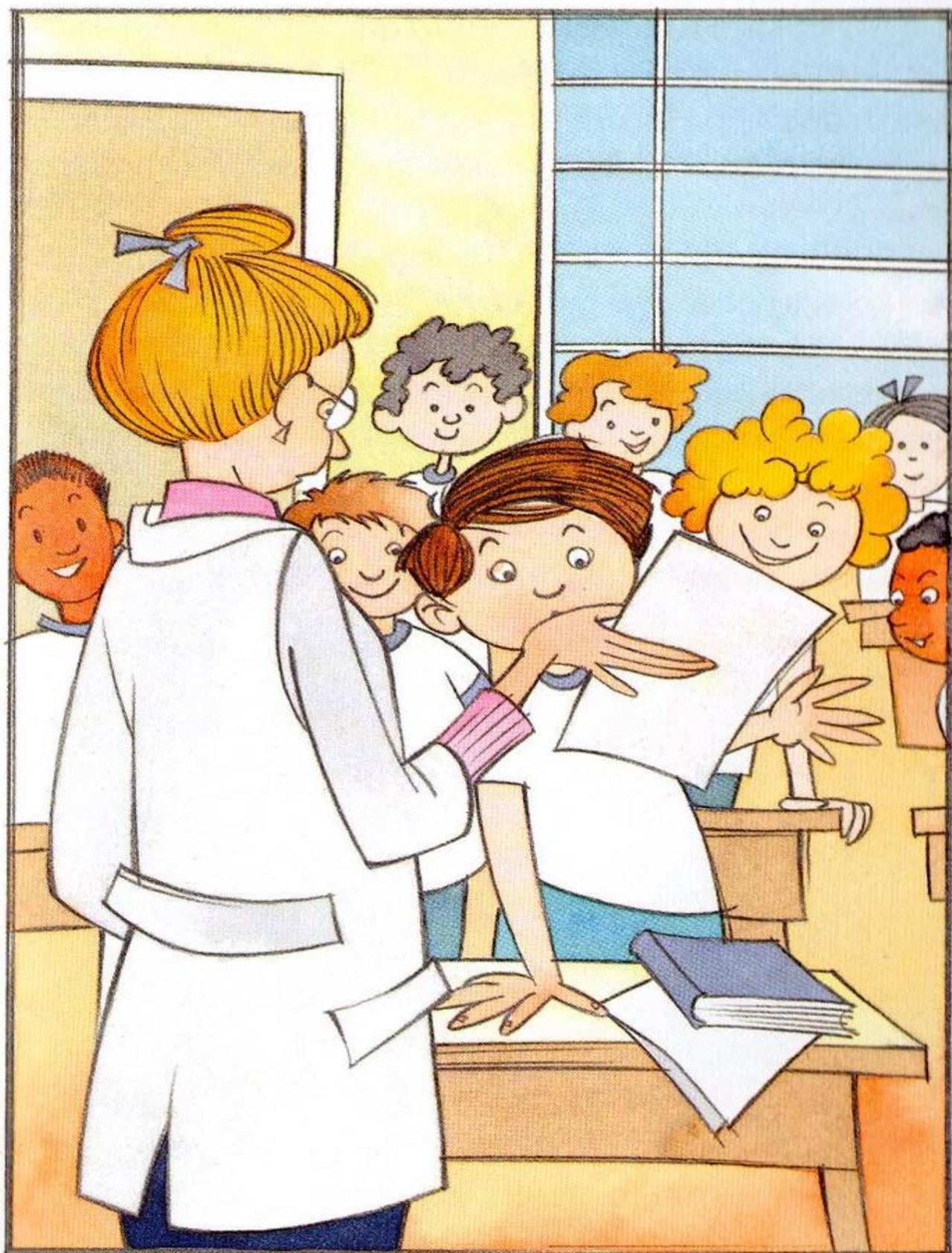
— “Como assim” que sua redação não tem nenhum ponto, nenhuma vírgula, nada.

— Não é possível, professora, eu pontuei tudo. Tenho certeza de que pontuei tudo.

— Pois então olhe você mesmo.

O menino pegou a folha e começou a ler. A professora tinha razão. Todos os sinais de pontuação da sua redação haviam sumido. Imediatamente ele constatou o que tinha acontecido e lamentou quase num sussurro:

— Ah, os sinais de pontuação da minha redação foram para o livro quartel-general. É a greve. É a greve.



— Que greve, menino? Do que você está falando?

— Da greve, professora, da greve dos sinais de pontuação.

— Do que você está falando, Bruno? Que greve é essa?

— Todos os pontos, vírgulas, exclamações... todos estão em greve... a greve...

— Bruno, ou você está delirando ou acabou de inventar a maior e mais esfarrapada desculpa por ser péssimo em português.

— Mas, professora, eu...

— Chega, Bruno. Você acaba de tirar zero na sua redação



— Tá bem, professora...

Bruno voltou para a carteira completamente envergonhado, ouvindo as gozações dos amigos. Sentou-se, pegou o livro na mala e abriu-o, muito zangado.

— Viu o que vocês me arranjaram com essa porcaria de greve?

A professora percebeu:

— Que é isso, Bruno, deu para falar sozinho agora?

O menino ouviu algumas risadinhas debochadas dos sinais rebelados que fugiram de sua redação e estavam dentro do livro.

A aula prosseguiu normalmente depois disso e, quando terminou, Bruno voltou para casa, sempre pensando na rebelião dos sinais de pontuação. Brincou um pouco à tarde, mas não conseguia concentrar-se em nada. Estava ansioso para que a noite chegasse logo. As horas passavam lentamente, arrastavam-se, e a ansiedade do menino crescia com a angústia da espera. Ele já tentara abrir o livro e conversar com o ponto de interrogação ranzinza, mas ninguém respondia.

— Mãe, o jantar vai demorar?

— Vai demorar, sim. Ainda é muito cedo, nem anoiteceu.

— Mas é horário de verão, já é tarde.

— Se você parar de me atrapalhar com tanta per-

gunta, o jantar não demora. Vá brincar, vá. Quando estiver pronto, eu aviso. Certo?

— Tá bem, mãe... tá bem...

Ele saiu, perambulou um pouco pela casa, foi até a sala, ligou a televisão, mudou várias vezes de canal, sem prestar a menor atenção no que estava passando, e voltou para a cozinha.

— Mãe...

— Saia daqui, Bruno, por favor!

Depois de muitas entradas na cozinha e muitas broncas, o jantar finalmente ficou pronto. Ele comeu tudo em poucas garfadas e, ainda mastigando, deu boa-noite para os pais, que ficaram intrigados, afinal sempre era o maior sacrifício fazê-lo ir para a cama.

— Mãe, pai, vou dormir.

— Já!? Você nem acabou de mastigar a comida...

— Mas estou com sono, ué.

E forçou um bocejo. A mãe resolveu concordar, só para não discutir:

— Tá bem, tá bem, pode ir dormir. Boa noite, filho.

— Boa noite, mãe. Boa noite, pai.

— Boa noite, filho. Durma com Deus. Ah, e não esqueça de escovar os dentes.

Claro que ele esqueceu. Veja lá se ia preocupar-se com os dentes agora. Tinha missão muito mais importante: resolver a greve dos sinais de pontuação. Ele tinha de parar com aquela revolução sem sentido que



o ponto de interrogação queria fazer. Trancou-se no quarto e abriu o livro. O ponto de interrogação estava a postos, já fora do pedido de casamento do príncipe.

— Puxa, já não era sem tempo. Pensei que você não viesse mais.

— Que belo papelão vocês fizeram comigo na escola! Passei a maior vergonha da minha vida!

— Ora, greve é greve...

— Mas precisava tirar todos os sinais de pontuação da minha redação, precisava?

— Ô, cabeça-de-pudim, os sinais de pontuação da sua redação foram só o começo. Primeiro os sinais da sua redação, depois todos os deste quarto, desta rua, desta cidade, deste país e, finalmente, todos os pontos, todas as vírgulas, todas as aspas, enfim, todos os sinais de pontuação do mundo. Bem, chega de papo furado e vamos à nossa reunião.

Imediatamente após a convocação, entre aplausos, reuniram-se todos os sinais que estavam no quarto, nos livros de histórias infantis, nos livros didáticos, nos gibis, nos jornais, no álbum de figurinhas, até os de um cartão de Natal que ganhara da professora no final do ano. A cama de Bruno virou um verdadeiro quartel-general. Foi um desfile de vírgulas, pontos de exclamação, pontos de interrogação, pontos-e-vírgulas, pontos finais, travessões, aspas, tinha até uma representante das reticências que dizia:

“ESTAMOS CANSADAS DE NÃO SER NADA,
DE SER APENAS...”

Bruno não conseguia dizer nada, apenas ouvia, ainda sem acreditar. O ponto de interrogação tomou novamente a palavra:

— Amigos, amigos, prestem atenção! Chegou o momento de a gente acabar de uma vez por todas com esse nosso trabalho maçante, chato e sem perspectiva de futuro.

— É ISSO AÍ. BRAVO! BRAVO!



— Temos de acabar com esse negócio de que ponto de interrogação só pode interrogar, ponto de exclamação só pode exclamar. Eu também quero o direito de exclamar.

— E eu, o de interrogar — disse um ponto de exclamação perdido no meio da multidão, que o apoiou fazendo muito barulho.

— É ISSO AÍ! MUDANÇAS JÁ!

E o ponto de interrogação continuou seu discurso, cada vez mais inflamado:

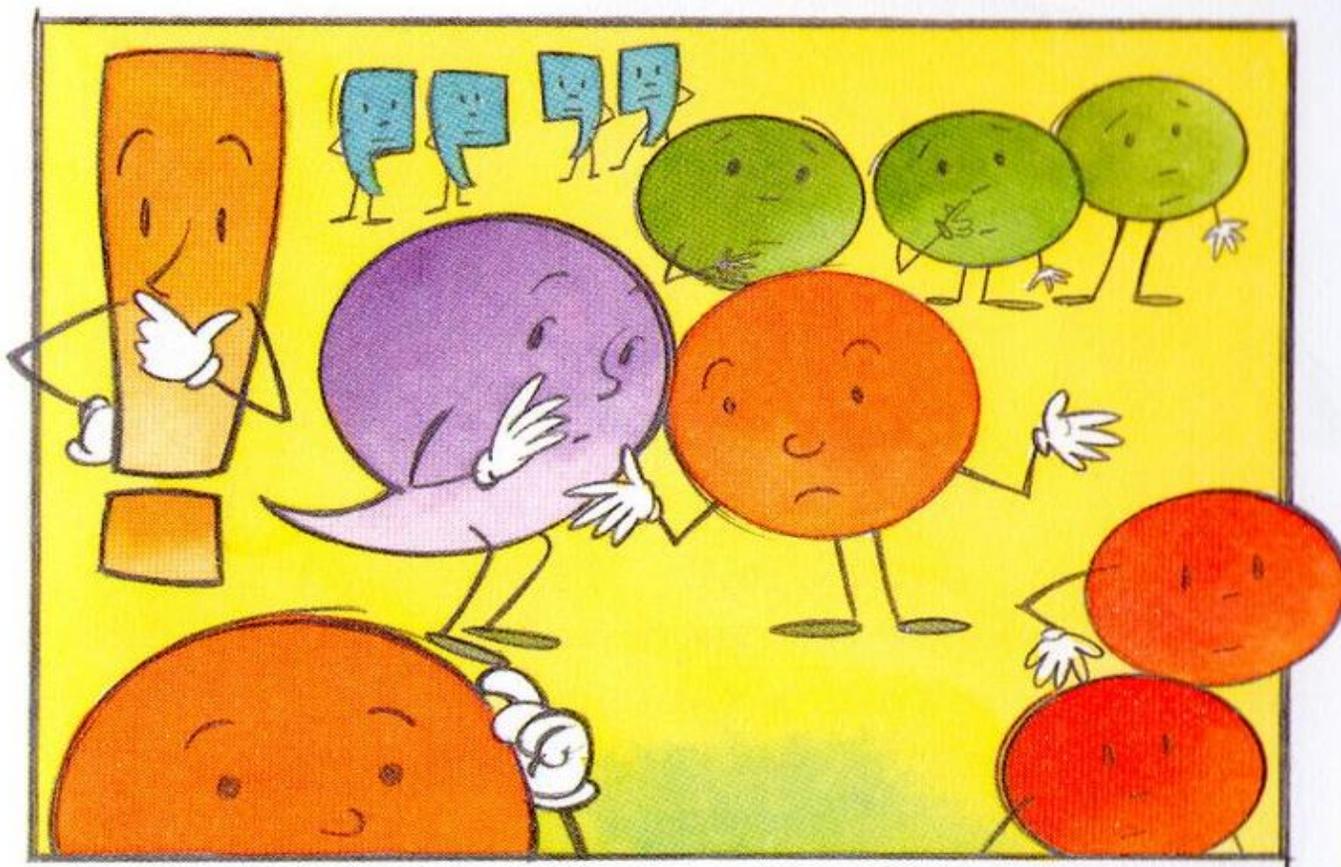
— Temos de revolucionar a pontuação, mudar os sinais de lugar, botar pra quebrar.

— APOIADO!!!

e como ponto de partida sugiro que a partir deste momento já comecemos a falar sem pontuação nenhuma pois a falta de sinais de pontuação nas nossas frases já é uma forma de protesto certo amigos vocês estão entendendo o que estou falando concordam comigo eu queria dizer também que agora chegou a nossa vez certo gostaria de saber o que vocês acham de tudo isso parece que vocês não estão me ouvindo respondam

Os sinais olhavam-se, sem entender direito o que o ponto de interrogação estava falando. É impossível entender uma frase sem uma pontuação sequer, até mesmo para os próprios sinais. Uma vírgula, que nada tinha entendido, perguntou:

— O que foi mesmo que o ponto de interrogação

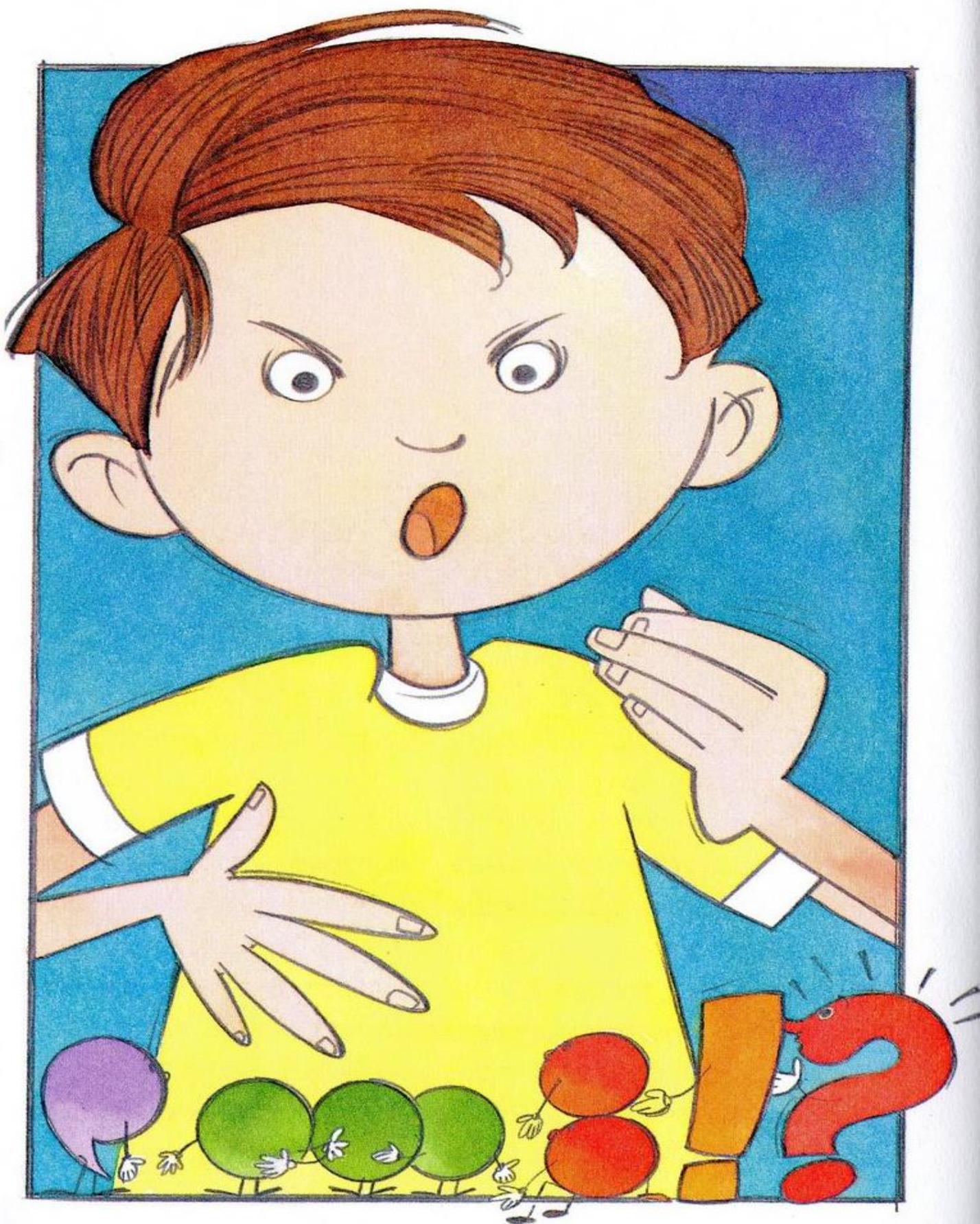


falou, ponto final?

— Não entendi muito bem, mas apóio!

Os dois voltaram a prestar atenção, para ver se conseguiam entender direito. O ponto de interrogação ficou olhando para todos, esperando uma reação, uma manifestação de apoio, mas nada, ninguém reagiu. E ele continuou falando, só que agora mais inflamado, tornando ainda mais confuso o seu discurso. O que ele dizia virava uma paçoca só:

eu queria que vocês entendessem que a partir de agora nós somos livres para fazer o que bem entendermos podemos participar da frase que quisermos entenderam é preciso que vocês digam se estão de acordo



porque a participação de cada um é fundamental para o prosseguimento

Começou um burburinho geral, todos se olhavam, tentando entender exatamente o que o ponto de interrogação estava falando.

— O que foi mesmo que ele disse?

— Sei lá...

— Eu não entendi direito.

— Nem eu...

— Eu também não.

Era uma confusão geral, ninguém entendia o que o orador dizia, mas ele continuava falando:

precisamos exigir nossos direitos amigos porque amigos somos os

— O QUÊ???

Ninguém entendia lhufas. O ponto de interrogação começou a ficar confuso com a reação da platéia e tentou explicar-se:

vão dizer que vocês não estão entendendo

— Fale mais alto! Nós não estamos entendendo. mas estou sendo o mais claro

— CHEGA!!! — gritou Bruno, pondo um ponto final no discurso maluco do ponto de interrogação ranzinza.

quem falou aí

— Fui eu! Ô, ponto de interrogação, cabeça-de-mamão, será que você não percebe que é impossível falar sem pontuação, muito menos escrever, e pior ainda

entender? Nem seus próprios companheiros estão entendendo.

— Acho que o menino está coberto de razão — disse uma vírgula para outra.

O ponto de interrogação ainda tentou, mas em vão: eu queria continuar o meu raciocínio é claro que se vocês quiserem dizendo

— O QUÊ???

— FALE DIREITO, PANACA!!!

Os sinais de pontuação já estavam ficando nervosos, e ele foi obrigado a desistir.

— Tá legal, tá legal, falar sem pontuação fica realmente complicado. Acho que definitivamente não podemos tirar férias, mas ainda temos uma saída para tornar nossas frases mais emocionantes e nossas vidas mais agitadas. Podemos pelo menos inverter os sinais, atribuir funções diferentes a nós mesmos.

— Como assim? — perguntou Bruno intrigado, já imaginando outra besteira do ponto de interrogação.

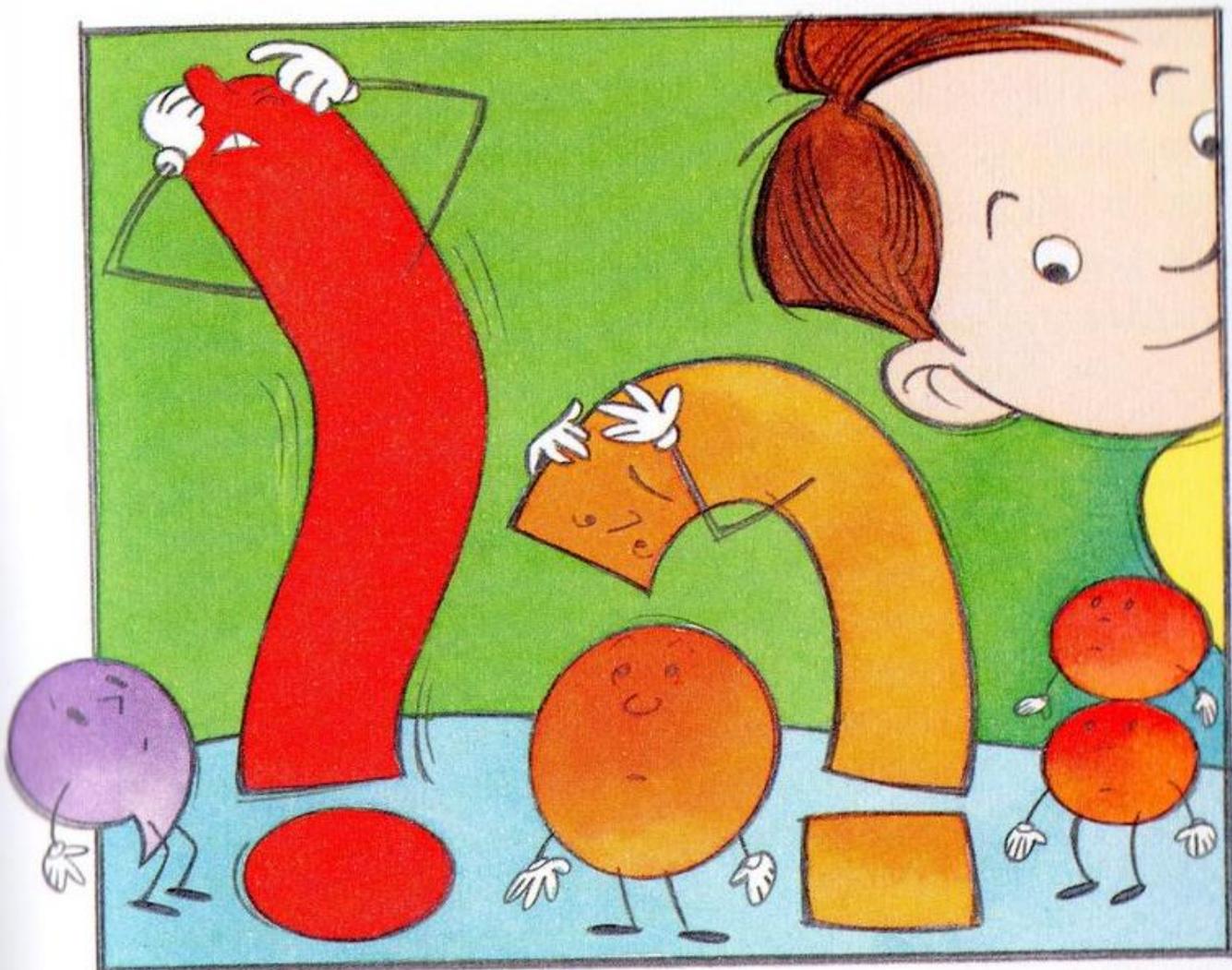
— Ora, é simples, vamos trocar o significado dos sinais. Por exemplo, quando o príncipe pergunta para a princesa: “Você quer se casar comigo?”, que sinal nós usamos?

— Interrogação.

— Isso mesmo, Bruno. E o que a princesa responde?

— Sim!

— Que sinal foi usado?



— Exclamação.

— Pois, então, é só mudar a ordem. Eu entro na resposta da princesa e a exclamação, na pergunta do príncipe.

Bruno não agüentou. Caiu na risada por causa da maluquice que o ponto de interrogação estava propondo.

— Só você mesmo, né, ponto de interrogação? Se você fizer isso, vai mudar todo o sentido da frase. Vai ficar assim: **VOCÊ QUER SE CASAR COMIGO!** Desse modo, o príncipe, em vez de pedir, vai estar man-

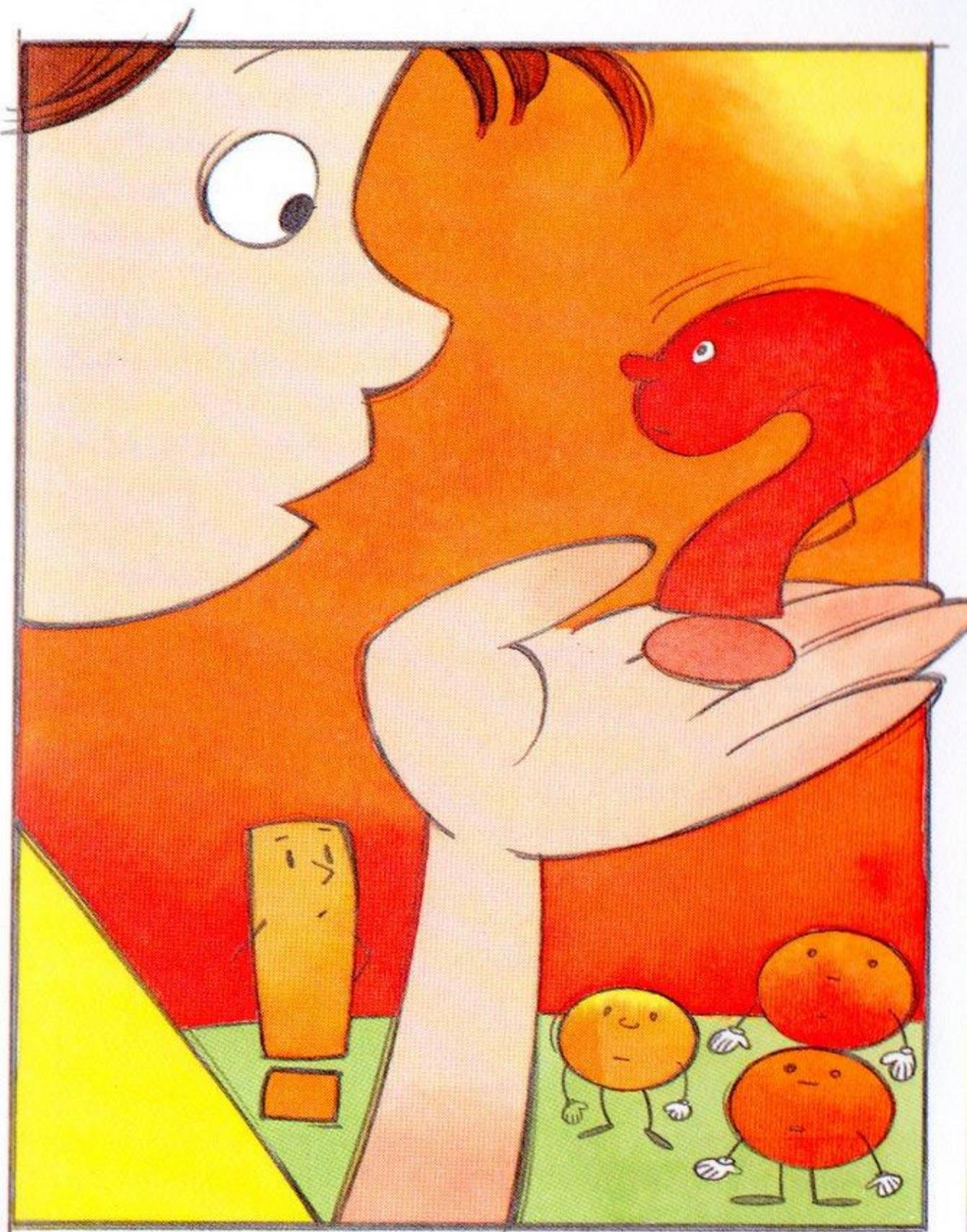
dando. E pior ainda vai ficar a resposta dela: CLARO QUE SIM? Ela, em vez de afirmar, vai perguntar se quer ou não se casar com ele... Que confusão! Não dá, ponto de interrogação, não adianta insistir, os sinais de pontuação devem permanecer em seus lugares, exercendo suas funções.

No meio da multidão de sinais já existia uma divisão: uns acreditavam naquilo que o ponto de interrogação falava, outros apoiavam o menino. A confusão estava formada. Bruno, nesse momento, achou que devia tomar definitivamente a rédea das coisas e pediu a palavra:

— Pessoal, pessoal, silêncio. Eu queria dizer uma coisa pra todos, principalmente pra você, ponto de interrogação. Acho que ainda não perceberam o valor de cada um de vocês.

— O que você quer dizer com isso, cabeça-de-chouriço? — perguntou o ponto de interrogação, agora não mais no tom discursivo de até então.

— O que eu quero dizer é que cada sinal de pontuação existe porque é extremamente necessário para uma frase. Só com a pontuação no lugar certo é que podemos nos fazer entender. Sem você, ponto de interrogação, quase nada existiria, quase nada. Se o homem não fizesse perguntas o tempo todo, jamais teríamos evoluído. Imagine um mundo sem interrogações, sem ponto final, sem vírgulas, aspas, travessões, parênteses, etc. Já imaginou?



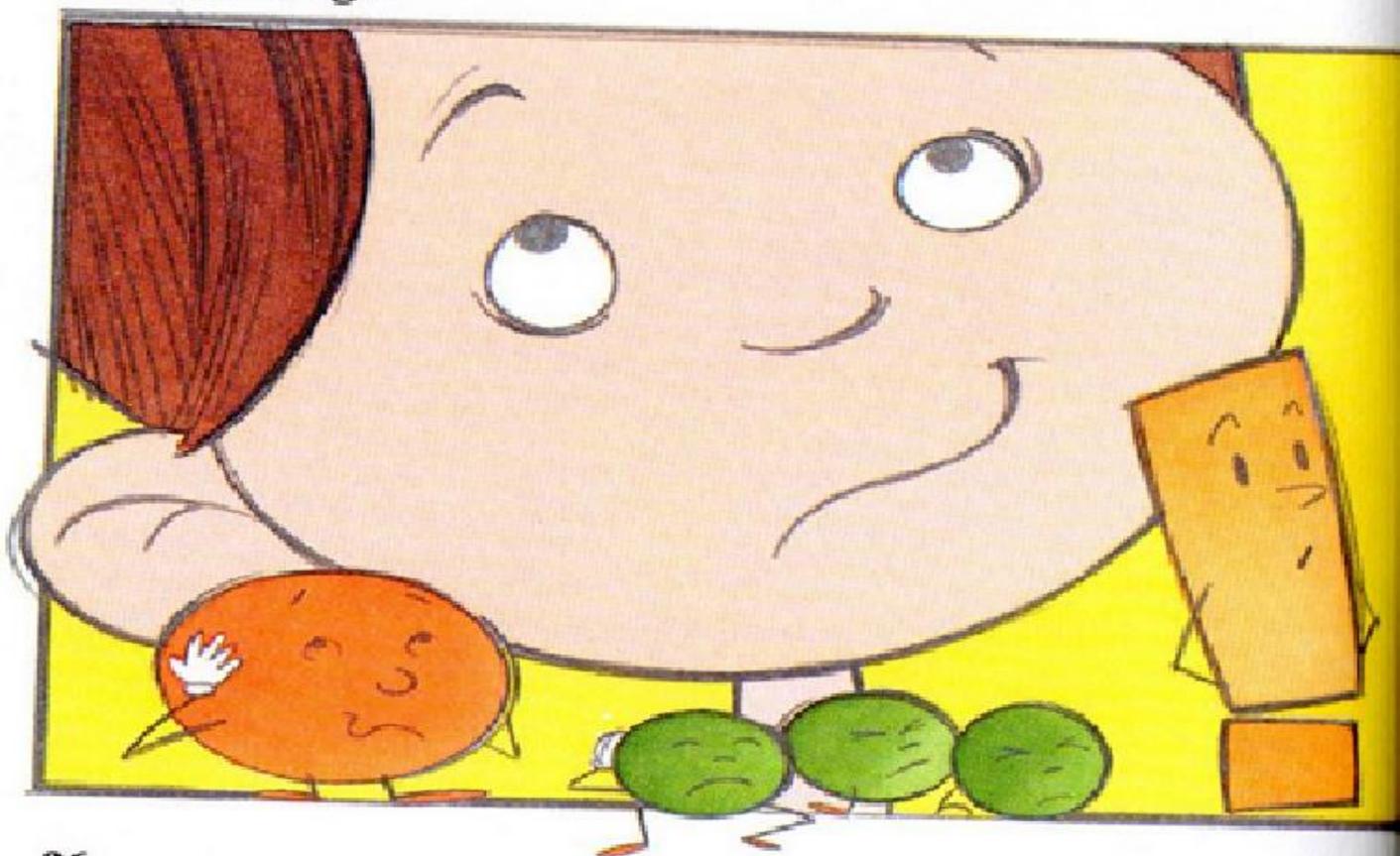
Os sinais olharam-se, olharam-se e balançaram as cabeças, concordando com o que o menino acabara de dizer. Um ponto-e-vírgula saiu do meio da multidão e apoiou Bruno:

— Acho que o menino está coberto de razão.

— Obrigado, seu ponto-e-vírgula. E quem mais acha que tenho razão?

A galera quase veio abaixo, como se diz no futebol. Todos gritaram ao mesmo tempo e levantaram os braços. Bruno olhou para o ponto de interrogação, que nem estava tão ranzinza; estava sim com um ar contemplativo, distante.

— E você, ponto de interrogação, também concorda comigo?



— Em gênero, número e grau, meu caro cabeça-de-pudim. Agora que você falou, acho que percebi o quanto sou importante, o quanto sou maravilhosamente fundamental para a pontuação mundial. Viram? Até rimou. Eu sou demais mesmo.

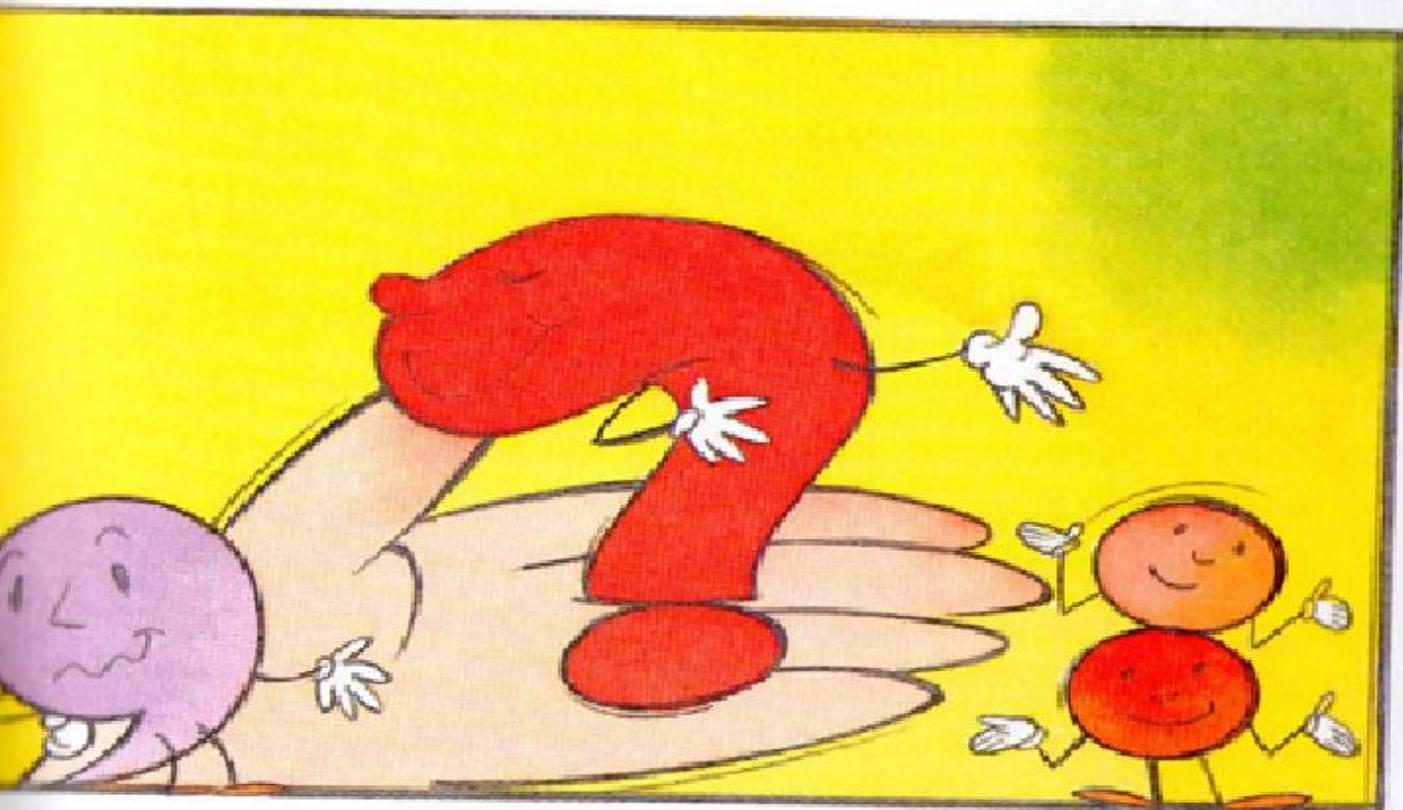
Pronto, o ponto de interrogação mudou da água para o vinho, passou a encarnar outro tipo: o convencido. Deixou de ser ranzinza e discursivo. Bruno sorriu.

— Então, agora todos vão voltar para suas frases, certo?

— CERTO!!!

— Isso significa que a greve acabou, certo?

— CERTO!!!



— Ah, eu só queria dizer mais uma coisinha. Gostei muito de ter conhecido todos vocês, pois acabei aprendendo mais ainda o quanto são importantes. A partir de agora, vou tentar aprender tudo sobre pontuação, para jamais colocar um sinal em lugar errado. Adeus, amigos...

E os sinais foram retirando-se aos poucos, todos se despedindo de Bruno e conversando sobre a greve frustrada. Foi quando mais uma vez o ponto de interrogação, que antes era ranzinza e agora ficara convencido, pediu a palavra:

— Companheiros, sabem o que eu estava pensando? Já que somos tão importantes assim, acho que deveríamos organizar uma outra reunião para falar dos nossos direitos: de sermos remunerados pelo nosso trabalho, recebermos décimo terceiro, fundo de garantia, convênio médico, vale-transporte, vale-refeição. O que vocês acham?

Um ponto de exclamação aproximou-se do ponto de interrogação e lhe falou, ao pé do ouvido:

— Nós achamos que você devia calar a boca e voltar para o pedido de casamento do príncipe.

— Mas nós podíamos...

Bruno sorriu e ficou só observando os sinais voltarem para suas frases. Pouco a pouco o quarto foi-se esvaziando, sua cama já não era mais um quartel-general, mas apenas sua quente e aconchegante cama. Aquela história toda tinha deixado o menino com mui-

to sono. Ele apagou a luz e se deitou, por alguns segundos apenas, pois se lembrou que havia esquecido de fazer uma coisa. Levantou-se, pegou de novo o livro e abriu na página em que o príncipe pede a princesa em casamento. Estava tudo certo, todos os sinais de pontuação em seus devidos lugares.

Bruno fechou o livro, sorriu e adormeceu tranquilo, com aquela sensação gostosa de dever cumprido.

